

DEPENDÊNCIA DE DROGAS E EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO: UM ESTUDO ENTRE HOMENS EX-DEPENDENTES

Autor (1); Jakson Luis Galdino Dourado

(Universidade Federal da Paraíba - UFPB) – jaksonpsi@gmail.com)

Resumo: A preocupação suscitada quanto à dependência de substâncias psicoativas pelos adultos tem mobilizado grandes esforços em todo o mundo na produção de conhecimento sobre este fenômeno. O presente artigo trata-se de um estudo realizado com pertencentes de uma instituição de apoio de recuperação à dependência química na cidade de João Pessoa-PB. Tendo como objetivo abordar questões ligadas à percepção de como ex-usuários de drogas veem suas vidas, relacionando-as com suas expectativas para o futuro. Um dos elementos de perda mais destacados foi concernente aos relacionamentos, e em especial da família. Nas expectativas para o futuro elementos como estudo e emprego também foram colocados. Concluiu-se que a recuperação é um processo para o dependente químico que vislumbra sua existência como um todo; desde sua dignidade até mesmo da tão sonhada autorealização.

Palavras-chaves: dependência; drogas; expectativas.

INTRODUÇÃO

A drogadição é um fenômeno que assola nossa sociedade e traz consigo uma gama enorme de sofrimento. Indivíduos de todas as idades e classes sociais, em especial, os de classes menos privilegiadas, são, todos os dias, induzidos ao seu consumo.

O uso e abuso de drogas, lícitas ou ilícitas, representa um grave problema de saúde pública e coletiva. Tem prevalência na

população adulta. Produzindo enormes e indesejáveis repercussões sociais, culturais e econômicas. (Sanceverino et. al 2014).

Consumir drogas é uma prática humana, milenar e universal. Não existe sociedade que não tenha recorrido ao seu uso, em todos os tempos, com finalidades as mais diversas. A partir dos anos 60, o consumo de drogas transformou-se em uma preocupação mundial, particularmente nos países industrializados, em função de sua alta

frequência e dos riscos que pode acarretar à saúde. (Bucher, 1992).

A diversidade de problemas e de pessoas envolvidas com as drogas permite dizer que o abuso de substâncias psicoativas é um problema de saúde pública da maior importância. Segundo a Organização Mundial de Saúde, em 2004, cerca de 10% das populações dos centros urbanos de todo o mundo, consomem abusivamente substâncias psicoativas independentemente de idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo; a dependência química é determinada por uma série de motivos, todos com papel importante, como: fatores biológicos, genéticos, psicossociais, ambientais e culturais (OMS, 2004).

De acordo com Dalgalarraondo (2000). A dependência de drogas é um estado mental e, muitas vezes, físico, que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga psicoativa, e sempre inclui uma compulsão de usar a droga para experimentar seu efeito psíquico ou evitar o desconforto provocado pela sua ausência.

A dependência química, tanto das drogas ditas “leves” quanto das “pesadas”, causam grande transtorno não só na vida do dependente químico, mas também na vida de seus familiares e amigos, sejam nos aspectos

físicos, quanto psicológicos e econômicos. O dependente químico, por mais profunda que seja sua dependência, em um determinado momento, por motivos diversos, começa a perceber a situação em que se encontra sua vida.

As teorias que tratam da dependência química mostram representações que engajam os indivíduos em toda a sua complexidade físico-moral, apontando para as conexões e os fluxos que perpassam a dimensão física (corpórea), mental e espiritual, envolvendo o indivíduo em sua totalidade. (Mota, 2004). Nesse sentido, a dependência se manifesta tanto por meio da deterioração física do dependente, como pela deterioração das relações sociais, notadamente na família e no trabalho, comprometendo sua construção como "homem responsável".

Mota consegue realizar uma recuperação adequada e criativa da "teoria da dádiva", deixando claro o argumento já anteriormente desenvolvido por Godbout (1999) de que grupos de ajuda tem no sistema da dádiva um ingrediente fundamental para o estabelecimento de redes de ajuda mútua. E a partir dessa análise pode-se repensar outras tantas formas de associação de base voluntária que tem no grupo a função de apoio social, e a crença na capacidade relevante que contribui para a produção de

um conhecimento emancipado, e formas de "religião secularizada" (Moreira & Souza, 2002).

Nesse sentido, compartilhar, apoiar, produzir e fazer circular valores tornam-se motores para a produção de redes de sociabilidade, em que afetos e relações têm a oportunidade de serem ressignificados, contribuindo para a produção de vínculos sociais.

Ao buscar a Teoria da Dádiva, retornando a Moreira (2002) e a uma série de autores que a discutem no contexto moderno em face dos problemas atuais (Martins, 2002; Godbout, 1999; Caillé, 2002), o autor abre uma perspectiva que vai ao encontro do contexto relacional daquilo que se dá no intervalo entre agência e estrutura, no dinamismo das relações sociais, das narrativas e ações comunicativas.

Aquele que era estigmatizado pelo uso abusivo da droga e vivia uma decadência física e moral, que o havia conduzido a um isolamento e a um estado de marginalidade social, descobre-se agora igual a muitos outros com histórias e trajetórias semelhantes à sua.

Nas reuniões em grupo, o espaço e o tempo atuam como categorias coletivamente construídas, delimitando uma ordem de

sentido na qual cada gesto, palavra e atitude desempenham um papel significativo para a concretização de uma verdadeira cultura de recuperação. É essa configuração espaço-temporal que permite aos membros reconhecerem-se como parte de uma cultura regida por valores próprios, que orientam suas práticas em direção à manutenção da sobriedade. (Neves, 2004)

Pode-se dizer que as narrativas feitas durante a reunião de recuperação, embora fundadas na experiência intransferível da dor e do sofrimento, compartilham um código comum e específico para expressar os dilemas e embaraços da prática social, e o confronto cotidiano entre as situações vividas e os valores próprios da vida em sociedade. A experiência com drogas se constrói, portanto, no interior de um *campo semântico* próprio a uma ordem de sentido, dentro da qual seus conteúdos significativos são construídos, ao mesmo tempo em que se afirma a identidade do "doente em recuperação". (Mota, 2004)

No interior do grupo, o dependente pode expor suas dores e narrar sua experiência sem ser estigmatizado e discriminado. Com isso, descobre-se como fazendo parte de um "grupo de pares", que partilham de uma mesma ordem de significações, o que reforça, ao mesmo

tempo, sua identificação como membro portador da dependência.

Essa percepção traz uma série de sentimentos, angústia e mais sofrimento, que, adicionados ao caos instalado na vida do dependente, trazem uma série de questionamentos relacionados à sua expectativa de vida, bem como de uma avaliação de sua história pessoal.

O presente estudo tem o objetivo de abordar questões ligadas a percepção de como ex usuários de drogas veem suas vidas, relacionando-as com suas expectativas para o futuro.

METODOLOGIA

O estudo foi pautado pela abordagem qualitativa de pesquisa de caráter exploratório, priorizando a fala dos participantes. A aplicação da metodologia qualitativa no campo da saúde torna-se importante, sobretudo por que "o objeto saúde oferece um nível possível de ser quantificado, mas ultrapassa quando se trata de compreender dimensões profundas e significativas que não conseguem ser aprisionadas em variáveis" (Minayo, 1999).

Participaram das entrevistas sete participantes, sendo eles homens, com idades variadas, oscilando de jovens a idosos, pertencentes a uma instituição de apoio a recuperação da dependência química em João Pessoa-PB, no período de fevereiro a abril de 2016.

O instrumento utilizado foi uma entrevista estruturada com as seguintes perguntas: 1) Como você avalia sua vida atualmente? 2) Qual a sua perspectiva para o futuro? As respostas de cada sujeito foram escritas em papel ofício, com caneta esferográfica, e depois transcritas para o computador; pelos entrevistadores em virtude dos que eventualmente não soubessem escrever.

Como procedimentos foram adotados os seguintes cuidados: os participantes foram ouvidos separadamente em uma sala reservada. Na primeira pergunta, o sujeito foi solicitado a fazer uma avaliação de sua vida atualmente. Cada um foi deixado livre para falar o quanto tivesse necessidade, sem intervenções do entrevistador. A segunda pergunta indicava ao sujeito que falasse sobre suas perspectivas em relação a seu futuro, com igual liberdade proposta pelo entrevistador.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

De acordo com a literatura o drogadição causa um efeito devastador nos indivíduos, no discurso dos entrevistados está realidade é fortemente marcada pela sensação de perda, pela baixa auto-estima no processo da recuperação, bem como a percepção que a vida chegou no seu limite mais baixo “estou no fundo”, ou “cheguei no fundo do poço” como relataram alguns deles.

Na categoria auto-estima na primeira pergunta revelou-se uma dualidade de auto percepção, mas está estava intimamente relacionada ao tempo de abstinência de cada um deles. Aqueles que tinham sua recuperação mais consolidada demonstravam maior conscientização de sua problemática e dos riscos de novas recaídas. “Um doente em recuperação” como referido por Mota (Mota, 2004).

Um dos elementos de perda mais destacados foi concernente aos relacionamentos, e em especial da família. Isto confirma que as dimensões devastadoras da dependência química traspassam o físico do usuário. Na caminhada rumo à recuperação reconquistar a confiança nos relacionamentos é um dos objetivos a ser alcançado. Estar “limpo” da droga é apenas

uma das facetas para o futuro almejado por estes ex-usuários.

Por estarem neste processo dentro de um grupo o fator de identificação exerce uma influencia poderosa, um deles estava em um processo de recaída e todo o grupo buscou de alguma forma estimular uma nova tentativa de recuperação. Em uma das falas pode-se visualizar bem isto “minha expectativa é que ela largue as drogas.[referindo-se ao sujeito nº 2]”

Nas expectativas para o futuro elementos como estudo e emprego também foram colocados. O status social foi perdido, bem como o tempo investido nos projetos para o futuro. Este tempo é agora compensado, mas com uma carga mais árdua de trabalho, na recuperação estão envolvidas as dimensões da vida deste sujeito integralmente.

Um fator que vale ressaltar é a dualidade evidenciada na percepção do presente em contraste com uma expectativa unidimensional na percepção do futuro. Isto pode ser em função de ainda se perceberem de maneira estigmatizada na consolidação da recuperação. Os entrevistados que mantinham um discurso unilateral eram aqueles mais consolidados em suas recuperações. Além de serem os que mais estimulavam os mais

arraigados às substâncias a perseverarem na busca da recuperação.

CONCLUSÃO

Recuperar-se não consiste na simples interrupção do consumo de substâncias químicas, é bem provável que esta seja a visão do senso comum. Todavia recuperação é um processo para o dependente químico que vislumbra sua existência como um todo; desde de sua dignidade até mesmo da tão sonhada autorealização.

Em um misto de um presente ainda tumultuado e um futuro cheio de expectativas estes indivíduos estão reconstruindo suas vidas, apoiados uns nos outros, nas famílias reconquistadas e na conscientização de que o limite entre a sobriedade e a recaída é extremamente estreito.

O presente trabalho aponta para a importância da intervenção em grupo, enquanto estratégia baseada na recuperação e estabilização do dependente químico, sendo esta de suma relevância, os profissionais da área de saúde em geral, poderão incluir esta estratégia em suas intervenções, tendo mais oportunidades de acesso aos indivíduos e comunidades.

Contudo, observamos os sujeitos entrevistados reconhecem a existência de um sofrimento ligado à dependência química e necessita de atendimento, porém, relatam que comumente existem poucas atividades específicas voltadas para a esta área. Para tanto, poderia haver a possibilidade de se incluir treinamentos específicos na temática do abuso de drogas nos currículos de estudantes da área de saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bucher, R. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

Caillé, A. *Antropologia do dom*. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

Godbout, J. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

Dalgalarrondo, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed; 2000.

Minayo, M. C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1999.

Moreira, M. C. N & Souza, W. S. A *microssociologia de Erving Goffman e a análise relacional: um diálogo metodológico pela perspectiva das redes sociais na área de saúde. Teoria & Sociedade* (jun):38-61, 2002.

Mota, L.A. *A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos.* São Paulo: Paulus; 2004.

Neves, D. P. *Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?* Cad Saúde Pública 2004; 20:7-14.

Organização Mundial de Saúde. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10.* Porto Alegre: Artmed; 2004.

Sanceverino, S. L.; Crivelatti de Abreu, J. L., *Aspectos epidemiológicos do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no município de Palhoça.* Revista Ciência e Saúde Coletiva. V. 9, nº 4, 2014.